

Antonio Emilio Machado Reis, fundador da *Sociedade Madrépora*

Quantas vezes se não tem fallado n'estas paginas da *Sociedade Madrépora*, e só agora nos é dado proferir o nome do seu fundador — agora... que já elle nos não póde impor o preceito que nunca ousámos quebrantar durante a sua vida!

A singular organisação que Antonio Emilio Machado Reis dera a esta sociedade, para que não houvesse ostentação de nomes, para que não apparecessem individualidades, mas simplesmente o corpo collectivo da sociedade em todos os actos de protecção á industria, ás letras e ás artes em Portugal, fizera com que elle nos prohibisse, não só nomeal-o como fundador da *Madrépora*, mas nem sequer como director geral, a quem, pelos estatutos, cabia a alçada de dispor dos fundos da sociedade para os fins da sua instituição.

Toda a gloria e beneficio que de tal corporação dimanassem, queria elle se attribuissem a todos os socios, sem prioridade nem graduação.

Raro exemplo este, no tempo de agora, em que o bem se faz ao som da tuba, cujas vozes a imprensa multiplica ao infinito, vencendo a deusa da fabula.

Hoje que a morte o arrebatou no vigor dos annos, e quando elle planeava alargar a esphera, e avultar os recursos da instituição a que votára todos os cuidados e actividade, o seu retrato irá avultar a galeria dos homens benemeritos que o *Archivo* tem colligido, tributando á memoria de tão prestante cidadão a homenagem devida aos serviços e beneficios que elle fez á sua patria.

É grande o numero de portuguezes que emigrando para o Brasil de tenra edade, e de humilde nascimento, se tem abalisado no commercio, nas letras e nas artes, dando honra, fama e proveito á terra do seu nascimento, a muitos dos quaes ella engeitou.

D'esse numero foi Antonio Emilio Machado Reis.

Nasceu na cidade do Porto, berço de varões ousados e emprehendedores, cujas façanhas correm a flux nos annaes da monarchia antiga, e nos fastos da historia moderna.

Tinha apenas doze annos, quando em 1839, lavrando com mais intensidade a febre contagiosa de ir buscar fortuna ao Brasil, um amigo de seu pae o levou comsigo para o Rio de Janeiro. Logo na viagem teve o prognostico de que nascêra para luctar com a adversidade, porque foi longa e tempestuosa; e sobre padecer muitas privações, esteve a pique de naufragar.

Chegado ao Rio, foi para caixeiro de um estabelecimento, onde por maus tratos se lhe revoltou o genio brioso de que sempre timbrou; e despedindo-se immediatamente, o individuo que o levára de Portugal o accommodou fóra da cidade, n'uma estalagem denominada «Venda Grande», que tinha juntamente um armazem de mantimentos.

Alli se conservou por cinco annos, os mais amargurados da sua vida, porque tendo nobres aspirações e vontade de se instruir, lidava continuamente com a relé do povo, e era tão trabalhoso o trafego do estabelecimento, que nem de noite tinha tempo para ler, sendo esta a sua paixão favorita.

Contava elle que do primeiro salario que alli recebêra comprára os *Lusiadas* de Camões; e que muitas

vezes fôra reprehendido pelo patrão, que o ia achar atraz de uma pipa de aguardente ou de um costal de carne salgada, a ler ou decorar o poema das glorias da sua patria.

Quantos lances de tão triste sorte se não lêem na biographia universal dos homens celebres!

D'antes os panegyristas occultavam a humildade da progenie dos varões illustres, e os misteres por onde haviam começado a sua vida; hoje importa que se revelem e patenteiem, para incitamento dos que a sorte haja lançado n'essas provações, e para exemplo de que do mais raso nascimento, e do trafego das mais infimas profissões, se póde subir ás maiores alturas.

Foi n'este tempo que Machado Reis conheceu uma familia brasileira, que o tratava com amizade e carinho; e tão grato se lhe mostrou sempre, que quando estava já estabelecido, proporcionando-se-lhe um casamento rico, o rejeitou para tomar esposa n'aquella familia que o tinha estimado e soccorrido na desgraça.

É esta, entre muitas, uma das acções que revelam a bondade e rigidez do seu caracter, a magnanimidade e pureza de seu coração.

Com a morte do dono da «Venda Grande», fechou-se o estabelecimento; e Antonio Emilio teve de voltar para o Rio de Janeiro, sem que podesse haver os salarios que tinha vencido. Foi ainda pesssoa da familia a que já nos referimos, que lhe fez um emprestimo para a jornada.

Ainda d'esta vez a sua má estrella o guiou para caixeiro de uma loja de chá, cujo dono, além de o tratar brutalmente, lhe dava tão exiguo ordenado, que não podia sair de casa por não ter de que se vestir com decencia. Despediu-se; mas tão mesquinho era o saldo que o patrão lhe queria entregar, que Antonio Emilio, indignado de tanta sordidez, arremessou com o dinheiro ao chão, exprobrando ao verdugo o roubo que lhe fazia.

D'alli passou a ser escrevente de uma fabrica de massas.

Por este tempo, em setembro de 1847, um golpe fatal o feriu com tanta pungencia, que até á morte conservou sempre esta dolorosa impressão. Morrêra-lhe sua mãe. De todos os filhos era este o que ella mais estremecia. Ficára inconsolavel com a sua ausencia, e fôra a que mais se oppozera á emigração de seu filho querido. Contava Machado Reis vêl-a ainda, mas as suas desventuras não consentiram que elle viesse a Portugal.

A noticia da morte de sua mãe causou-lhe tal desvario, que tentou suicidar-se. Quem o viu por esse tempo, nos affirma que mais parecia um velho achacado que um rapaz de vinte annos, edade que acabava de completar!

Desde então nunca mais logrou saude; o rosto, que era prazenteiro e expressivo, amorteceu-lhe, e velou-se-lhe de tristeza; era rapida a decadencia da sua vida, sobre tudo nos ultimos tempos, em que as enfermidades mais o haviam quebrantado [1].

Este exaltado amor filial tinha-o elle substituido, com ardor não menos intenso, pelo amor da sua patria, que tanto o consumiu, e depois lhe accelerou a morte, quando, ainda mal convalescido, tomou conta do consulado portuguez no Rio de Janeiro.

Posto lhe faltasse a instrucção que melhor se adquire nos primeiros annos, Machado Reis, dotado de juizo claro, muito emprehendedor e brioso, conseguiu pela leitura e applicação achar-se apto para desempenhar encargos mais lucrativos de quantos até alli havia exercido.

A longa correspondencia que temos em nosso poder; as allocuções que por vezes proferiu, e as que dirigiu ás escholas, algumas das quaes publicámos n'este jornal, são de um homem culto, bom pensador, crente apaixonado no progresso pela instrucção e pela moralidade. A estes fins tendiam todos os seus planos, para credito e ventura da colonia portugueza no Rio de Janeiro, que tinha n'elle um defensor e conselheiro sensato, como provou na prolongada questão consular, e na, mais grave ainda, da emigração do reino para o Brasil.

Sendo admittido como segundo guarda-livros na casa commercial do sr. Francisco Augusto Mendes Monteiro, este honrado negociante lhe recompensou o seu merecimento e zêlo associando-o á sua firma. Desde este tempo, achando-se já livre das privações que lhe haviam cortado o coração durante a sua mocidade, se dedicou ao estudo das principaes necessidades dos gremios portuguezes disseminados pelas provincias do Brasil, e dos meios por que elles poderiam contribuir para os progressos da sua patria.

D'estas cogitações nasceu o pensamento de instituir uma associação em tudo diversa das que existiam n'aquelle imperio. Em 1859 tinha elle já conseguido que bom numero de portuguezes se lhe aggregassem para fundar a *Sociedade Madrepora*, com o exclusivo fim «de auxiliar todas as instituições e emprezas que tenderem a desenvolver o progresso e a civilisação em Portugal, procurando creár o maximo gosto e amor pelas letras e pelas artes em geral.»

Os meios prescriptos nos estatutos, approvados por decreto imperial, para obter estes fins, são:

1.º Distribuir gratuitamente pelo povo jornaes de litteratura, de sciencias, e artes liberaes e mecanicas.

2.º Auxiliar a impressão de livros de reconhecido merecimento.

3.º Gratificar com premios os nossos artistas que mais se distinguirem nas exposições, quer nacionaes, quer estrangeiras.

4.º Tornar conhecidos condignamente os nossos homens illustres, principalmente os distinctos nas letras, por meio de retratos, de bustos, etc. doados a estabelecimentos publicos, empregando n'este mister artistas nacionaes.

5.º Fazer donativos ás instituições existentes, onde os artistas recebem uma educação apropriada, como a *Associação Industrial Portuense* e *Instituto Agricola*.

6.º Contribuir para qualquer empreza que se proponha á creação de monumentos aos nossos heroes, ou tomar essa iniciativa quando os seus meios o permittam.

7.º Dar impulso á nossa industria, procurando introduzir no Brasil os nossos artefactos.

8.º Advogar a causa da nossa nacionalidade, mantendo quanto for possivel, em todos os sentidos, a honra e dignidade do nome portuguez, procedendo n'este effeito com justeza e circumspecção, e n'um sentido pratico e real.

9.º Estabelecer n'esta cidade (Rio de Janeiro) um gabinete de leitura, exclusivamente de estatistica portugueza, no qual se possam reunir os socios para tratarem de questões relativas aos fins da Sociedade, ou para se entreterem com assumptos de recreio litterario.

10.º Tomar ao seu serviço um ou mais homens habeis, conforme o permittirem as forças da Sociedade, para que se incumbam exclusivamente de estudos mais vastos e mais completos ácerca dos fins da Sociedade, bem como da composição de obras de reconhecida utilidade para os artistas.

É agigantado o plano, mórmente por demandar grandes capitaes, mas não impossivel, se o aferirmos pelas demonstrações de patriotismo e liberalidade dos portuguezes estabelecidos no Brasil. E tanto, que existindo esta sociedade apenas ha poucos annos, e ainda não de todo ramificada nas diversas provincias d'aquelle imperio, tem já dispendido avultadas sommas no desempenho do seu instituto.

[1] Note-se que o retrato que hoje damos foi desenhado de uma photographia tirada em 1861.

Foi ella a primeira que instituiu premios litterarios para os alumnos pobres das escholas gratuitas d'este reino, e só do *Archivo Pittoresco* tem distribuido 4:200 exemplares, que importam em 8:400$000 réis; além da crescida verba dos portes do correio.

Tem sido tão proficuo este incentivo, que o dia em que nas escholas primarias se entrega o volume do *Archivo* ao alumno a quem nos exames finaes se confere este premio, é de solemnidade publica, como consta de muitas actas publicadas nos jornaes, sendo convocados para estes actos os parochos e auctoridades dos concelhos, acontecendo, não raro, que algum dos concorrentes contribua com o seu premio em livros ou numerario, para os alumnos que seriam tambem contemplados pela sua applicação, se não houvesse apenas um volume do *Archivo*.

D'esta sorte se estimula e recompensa a boa frequencia e aproveitamento dos estudos primarios.

É um grandissimo serviço feito ao estado, que infelizmente mantem muitas escholas quasi desertas, por não se haverem empregado os meios de attracção, e estar ainda indecisa a these proposta com tão comprovadas demonstrações, pelo apostolico zelo do sr. A. F. de Castilho, para a reforma do ensino elementar.

Além do premio que a *Sociedade Madrépora* confere a mil discipulos, os professores e professoras das escholas contempladas, que são outros mil, e que vão recebendo mensalmente as cadernetas d'este semanario, para depois de completo o volume o entregarem ao alumno que o houver ganhado, tem durante o anno leitura gratuita, instructiva, sã, e genuinamente portugueza.

Isto para a geral penuria em que vivem os professores de instrucção primaria, muitos em paragens onde não chega letra redonda senão a das cartilhas, é de incontestavel beneficio para o promovimento da cultura intellectual de tão desvalida classe, cuja sorte todos lamentam, e ninguem remedeia!

A *Sociedade Madrépora*, a cuja direcção temos enviado centenares de cartas de participação e agradecimento dos srs. professores e professoras das escholas contempladas com o *Archivo*, póde bem avaliar o inesperado aproveitamento d'este seu generoso donativo, a que de certo não ha de faltar o louvor e recompensa dos poderes publicos, já manifestados na régia Portaria publicada no *Diario* de 11 de junho de 1860.

Para auxiliar a empreza d'este semanario, tem a mesma sociedade requisitado annualmente grande numero de collecções, para lhes dar extracção em todo o imperio do Brasil, onde contâmos bom numero de assignantes, tanto brasileiros como portuguezes, a quem seremos sempre reconhecidos.

Estabeleceu tambem a *Madrépora* no Rio de Janeiro um gabinete de leitura para os seus socios, onde tem todos os jornaes politicos e litterarios que se publicam n'este reino e seus dominios, recebidos em troca do *Archivo*. Alli acham colligidas todas as noticias, todo o movimento intellectual do mundo, e mórmente o que diz respeito ao nosso Portugal, para lhes suavisar as saudades da patria, a que todos os portuguezes residentes n'aquelle imperio se mostram sempre tão affectos e dedicados.

Muitas acções da Associação Industrial Portuense, e da Sociedade Promotora das Bellas Artes, toma a *Madrépora* para as auxiliar, e multiplicadas assignaturas de alguns jornaes portuguezes.

Premiou com delicadas joias os tres principaes expositores da Exposição Industrial Portuense de 1861.

Inaugurou o retrato del-rei D. Pedro v na real eschola de Mafra; e o do sr. Alexandre Herculano no Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, ambos expressamente pintados pelo nosso insigne retratista José Rodrigues.

Contribuiu bizarramente para o monumento de Camões, e para a estatua de D. Pedro v, que os artistas do Porto vão erigir na praça da Batalha.

Tem promovido a venda de várias publicações litterarias feitas em Portugal, recommendando-as por uma circular que a direcção mandou imprimir para esse fim, agencia voluntaria e gratuita, movida exclusivamente pelos impulsos do patriotismo e da civilisação dos directores d'aquella prestantissima corporação.

Esta sociedade mandou tambem imprimir os romances da illustre escriptora portuense D. Maria Peregrina de Sousa; e projecta fazer uma edição illustrada de uma obra do sr. Alexandre Herculano.

Muitos outros auxilios tem prestado a *Madrépora* ás letras e artes, de que não temos noticia exacta.

Esta instituição é um verdadeiro monumento do patriotismo dos nossos compatricios residentes no Brasil; e o maior brazão que o seu fundador podia legar á sua terra e á sua gente; e com o qual perpetuará o seu nome entre os amigos da civilisação.

A morte inopinada de Machado Reis deve produzir grande abalo nos fundamentos d'esta nascente sociedade, a que elle não tinha ainda podido dar a solidez que requer tal edificio, embora tanto trabalhasse e obsecrasse para esse fim; mas os que foram seus cooperadores não se hão de mostrar menos solicitos e zelosos obreiros; e d'isso boa prova deram já na quantiosa subscripção que abriram na primeira assembléa depois do fallecimento do fundador, para subsidiarem a familia que elle deixou desvalida!

Outra creação, posto que de mais limitado alcance, se deve ao genio emprehendedor e meditativo de A. E. Machado Reis. É a *Caixa de Soccorros de D. Pedro* v.

Lamentava elle, que apesar de existir o magnifico *Hospital Portuguez* [1] e outras associações de beneficencia no Rio de Janeiro, fosse sempre avultado o numero de portuguezes doentes e pobres que accorriam ao consulado pedindo auxilio, ou vendo-se obrigados a entrar nos hospitaes da cidade, porque sendo todas aquellas associações de soccorro mutuo, só o prestavam aos que para ellas contribuiam. Este publico espectaculo de mendicidade dos seus nacionaes offendia o pundonor patriotico de Machado Reis; e para o attenuar, quanto possivel, ideou a *Caixa de Soccorros* para acudir não só aos que para ella subscrevessem, mas tambem aos pobres que não podessem contribuir, prestando-lhes o soccorro, não por simples caridade, mas a titulo de emprestimo, que pagariam quando tivessem meios, aliás ficariam desobrigados da restituição.

Este plano foi apresentado ao conselheiro Nazareth, quando exercia as funcções de nosso consul no Rio, que o approvou, sendo adoptado egualmente por muitos outros portuguezes notaveis.

Na memoravel festividade que a 31 de maio de 1863 celebrou a *Sociedade Madrépora* no Gabinete Portuguez de leitura do Rio de Janeiro [2], por occasião de inaugurar a estatua de D. Pedro v, com que a presentearam os artistas portuenses; depois de uma notavel allocução do sr. commendador Montoro, propoz o sr. Nazareth que n'aquelle acto se abrisse a subscripção para a projectada *Caixa de Soccorros*, que se denominaria de *D. Pedro* v. Em continente se procedeu á subscripção, que n'essa noite chegou a quatrocentos nomes.

Esta fundação conta hoje centenares de socios, e tem prestado aos portuguezes desvalidos quantiosos auxilios, não só nas enfermidades, mas para lhes resgatar contratos lesivos, de locação de serviços e outros; e tambem para os transportar a Portugal, quando só com os ares patrios poderiam restabelecer-se.

A Machado Reis se deve inicialmente esta benefica instituição, suggerida pelas maximas do Evangelho,

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 103 do vol. v.
[2] Vid. o artigo a pag. 162 do vol. vi.

e que tão grata e gloriosa é para a sua memoria, acatada já como a de um verdadeiro e desvelado amigo da humanidade.

Fundando a *Madrépora*, promoveu a instrucção e moralidade dos seus concidadãos pela cultura do espirito; creando a *Caixa de Soccorros*, acudiu aos enfermos e indigentes, sem os vexar com o apparato da moderna philanthropia.

Homem de taes aspirações e emprehendimentos, se o destino lhe fôra propicio e a morte o não atalhasse na flor dos annos, alcançaria notavel celebridade.

Todavia, na humildade da sua condição; sem haveres nem saude; apenas entrado na edade viril, deixou monumentos perduraveis do seu elevado patriotismo e do seu magnanimo coração.

E juntava a tão raros predicados, o ser de um desinteresse, de uma abnegação exemplar. Quando por carta lhe participámos que haviamos pedido a el-rei D. Pedro v lhe conferisse uma mercê honorifica, respondeu-nos Machado Reis, que honras para a *Sociedade Madrépora* acceitava elle, para si nunca.

E a mercê ficou sem effeito.

Quando em 1863 o conselheiro Antonio José Duarte Nazareth se retirou do consulado do Rio de Janeiro, propoz ao governo para o substituir na qualidade de vice-consul a Antonio Emilio Machado Reis, o homem que toda a colonia portugueza indicára para tal interinidade, em quanto se não fizesse a definitiva nomeação de consul. O seu nome respeitado de todos; a honradez e isenção do seu caracter; a popularidade que havia adquirido pela fundação da *Sociedade Madrépora* e da *Caixa de Soccorros*, tudo contribuiu para ser o escolhido entre outros, não menos dignos, para nosso representante consular, em conjunctura tão difficil como é notorio.

Quiz escusar-se, e d'isso temos provas escriptas; mas a sua affeição ao bem de seus concidadãos, e a opportunidade de dar impulso aos seus planos para a confederação das associações portuguezas no Rio, em que por esse tempo meditava, o dobraram a acceitar um cargo de tão arduo desempenho, pela difficuldade de conciliar tantas vontades encontradas, e satisfazer exigencias muitas vezes insensatas.

E bem presentia elle que o onus era superior ás suas forças physicas, acabando de sair de uma doença grave, e que succumbiria se a interinidade do cargo se prolongasse.

Felizmente o governo teve o bom accordo de transferir para o Rio o consul de Pernambuco, o doutor José Henrique Ferreira, que no exercicio d'este logar dera manifestas provas de ser o agente consular que as circunstancias reclamavam para a capital do imperio.

Nunca alli houve nomeação tão festejada; nem Machado Reis podia ter quem melhor o avaliasse e estimasse.

Successos posteriores, motivados pela nova convenção consular, o obrigaram a pedir licença para se ausentar, e novamente ficou Machado Reis encarregado das funcções consulares.

Regressára de Nova Friburgo, para onde tinha ido restabelecer-se de um assalto da molestia que o havia tolhido na cama por muito tempo. Attribuia elle o quebrantamento mortal em que se achava a padecimentos nervosos, mas era uma affecção mais grave que lhe andava, já de annos, minando a vida.

Tendo de se applicar aos negocios de sua casa, que achára paralysados com a sua ausencia, e aos do consulado, que são de trabalhosa e constante fadiga, renovaram-se-lhe os ataques, e aggravou-se-lhe a molestia com os esforços a que o impellia a actividade do seu genio, e a exacção no desempenho das funcções do logar que estava exercendo.

Tendo de ir a um sitio distante da cidade, para uma diligencia do seu cargo, expoz-se ao sol ardente, e depois sentiu um resfriamento lethal. Quando regressou caíu de cama para ahi dormir o somno eterno. A 24 de setembro de 1865, dia já infausto pelo obito do libertador de Portugal e do Brasil, falleceu Antonio Emilio Machado Reis.

A noticia da sua morte, quasi subita, consternou a cidade onde tinha tantos amigos, onde era geralmente conhecido, bemquisto e respeitado, e na qual vivêra vinte e seis annos. Para a colonia portugueza foi um dia de lucto e consternação.

Assim o patentearam os nossos compatricios nas exequias que lhe fizeram, no sequito numeroso e contristado que o acompanhou á sepultura; e sobre tudo a *Sociedade Madrépora*, que, reunindo-se em assembléa geral, honrou a memoria e galardoou os serviços do seu fundador, subsidiando a familia que elle deixára pobre e desamparada, por uma subscripção que logo n'aquella assembléa subiu a alguns contos de réis.

Inescrutaveis destinos do homem! Aquelle que havia agenciado tantas subscripções e donativos para os estranhos, no mesmo dia em que cerrára os olhos á luz d'este mundo, deixava os seus necessitados dos soccorros alheios!

É que ha homens fadados para serviçaes do proximo, sem que attendam ao damno dos seus interesses, e ainda da propria vida. Tal é, commummente, a sorte dos verdadeiros bemfeitores da humanidade — dos grandes pensadores, dos mais notaveis inventores.

É que não póde haver luz nem resgate sem victimas; e na sacrosanta do Golgotha temos a confirmação d'esta inexoravel sentença!

A. da Silva Tullio.

EGREJA DE S. VICENTE DE FÓRA

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Ha um genero de ornamentação de muita formosura e riqueza, em que sobresaem varios templos de Lisboa, e no qual a maior parte da gente não attenta, passando desapercebida por essas obras de arte tão curiosas na invenção, quanto primorosas no lavor. Referimo-nos aos mosaicos em marmore, onde tanto se manifestam a paciencia e habilidade do artista.

Um dos templos da capital que mais ostentam estas magnificencias da arte é a egreja de S. Vicente de Fóra. A capella do topo do cruzeiro, do lado do evangelho, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, é n'esta especie de trabalho objecto mui digno de se ver.

O altar com o seu retabulo occupa todo o interior de um arco de cantaria, que se abre na parede entre duas pilastras, e que sóbe até á altura da cimalha geral do cruzeiro.

Exceptuando a imagem de Nossa Senhora, que se acha dentro de um soberbo tabernaculo; duas estátuas de dois santos da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, que se vêem mettidos em nichos aos lados da imagem da Virgem; e as duas figuras de anjos que avultam sobre os acroterios do mesmo tabernaculo, tudo o mais é obra de mosaico em marmores de mui variadas côres.

A nossa gravura, cópia de uma photographia, mostra com tanta exactidão e clareza a esbelta architectura do altar, e deixa tão facilmente ajuizar dos feitios variadissimos que apresentam os mosaicos, não obstante a sua excessiva miudeza, que nos dispensa de minuciosa descripção.

Ácerca do templo de S. Vicente de Fóra, e do mosteiro contiguo, actualmente residencia dos patriarchas de Lisboa, fallámos a pag. 225 do vol. vi.

I. de Vilhena Barbosa.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Vid. pag. 261)

II

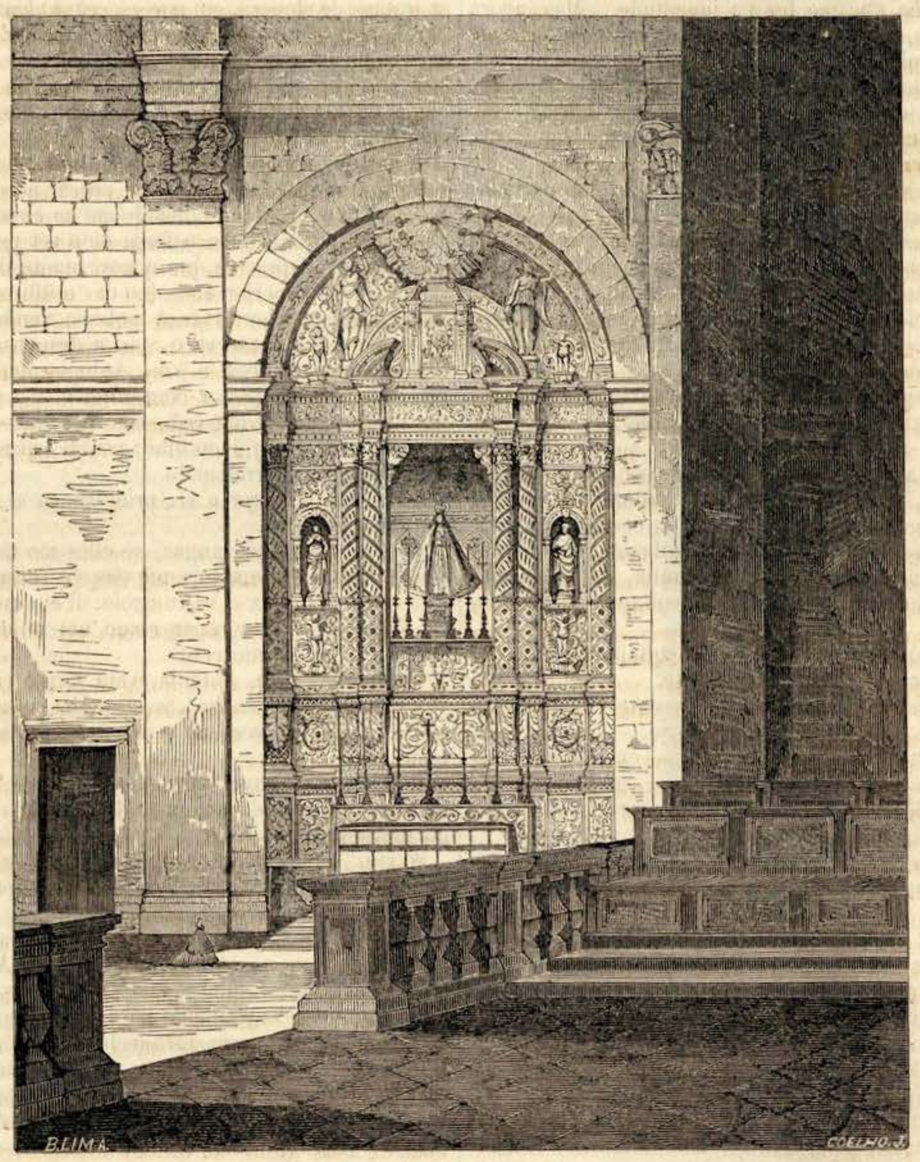
Com effeito, pela rua que atravessava o bosque de castanheiros, situado a pouca distancia da herdade, assomavam o prior e seu sobrinho Mattheus, cavalgando em ruins muares, seguidos de uma récua que transportava a bagagem do mancebo.

Era o sr. D. José, parocho da freguezia de Santo Isidro de Guenes, bastante edoso, cujo rosto e cujas palavras testimunhavam a bondade do coração. O mancebo que acompanhava o reverendo prior mostrava ter vinte e tantos annos.

Os moradores de Echederra correram a saudal-os, excepto Baptista, que preferiu continuar a comer as sardinhas que estavam no tacho.

— Que tenho eu, murmurou, com o rapaz que vem da America, ou com o tio? Para o que me hão de servir...

O prior deteve a cavalgura apenas viu os parochianos, e o sobrinho imitou-o.



Capella de Nossa Senhora da Conceição, no cruzeiro da egreja de S. Vicente de Fóra

— Olá, Martinho? Olé, Maria! — exclamaram o tio e o sobrinho.

— Boas tardes, sr. D. José e seu sobrinho, responderam todos.

— Será possivel, disse Maria, que este cavalheiro seja...

—Mattheus, apressou-se em respônder o mancebo, sou aquelle rapaz travêsso que, haverá seis annos, lhes apedrejava as arvores quando ia a Echederra com o tio.

— Louvado seja Deus, quem o havia dizer! porque v. s. está...

— Deixemo-nos de ceremonias! Não faltava mais nada que lhes acceitasse tratamento de *senhoria*, conhecendo-me vossemecês quasi no berço. Joanna é que está uma gentil rapariga.

Joanna baixou os olhos, e as faces, que ordinariamente eram duas rosas, pozeram-se-lhe como dois cravos.

— Ignacio está muito crescido! — continuou o sobrinho do prior. E Baptista?...

— Ficou além...

— Tão impertinente como sempre, não é verdade? Fez-me zangar muito quando brincavamos juntos n'outro tempo.

— Como tem passado v. s.?...

— Alto lá! Já disse que não acceito o tratamento, Martinho.

— Não podémos acostumar-nos a essa semceremonia...

— Pois é preciso que se acostumem. Passei bem de saude, e de fortuna regularmente. Tenho grande affecto á minha terra, e principalmente a meu tio, que me serviu de pae desde que fiquei orphão; e assim que me vi com um capitalzinho... pequeno, sim, mas sufficiente para viver tranquillo e feliz, e sendo pouco ambicioso, disse commigo: «regresso a Guenes, porque o tio é já edoso, e quero viver ao seu lado para amparal-o na ancianidade, e pagar-lhe quanto possivel os beneficios que me fez na juventude... Mas, agora me recordo, devem vossemecês ser os mais ricos de toda a Biscaia.

— Deus louvado, não nos falta um pedaço de brôa.

— Que é o que diz, Martinho? E a herança?

— De que herança falla, sr. D. Mattheus?

— Da de seu irmão.

— Então morreu! — exclamaram Martinho e sua familia prorompendo em choro.

— Não posso affirmal-o, respondeu o mancebo algum tanto perplexo. Deixei-o bastante doente...

— Morreu! Não o negue, sr. D. Mattheus...

— É verdade; falleceu ha dois annos, respondeu Mattheus. Mas não o souberam? E o enorme capital de que os deixou herdeiros?...

— Que o guardem bem os que o tiverem recebido! — disseram ao mesmo tempo Martinho, a esposa e os dois filhos, Joanna e Ignacio.

— Meus amigos, acudiu o prior carinhosamente, os luctos com pão passageiros são. Fallaremos ámanhã d'este assumpto, porque não é agora occasião propria.

A noite começava a fechar. O sobrinho e o tio tentaram consolar aquella afflicta familia, e despediram-se, seguindo uns para o valle, e voltando outros para a herdade.

— Morreu! morreu! — disseram a Baptista seus pães e irmãos ao chegarem junto a elle.

— Estava rico? E deixou-nos herdeiros? — perguntou aquelle com anciedade e alegria.

— Baptista! tens mau coração! — exclamou Martinho com severidade.

No pacifico e bondoso Martinho a severidade equivalia á indignação.

Desappareceram em breve todos pela porta da herdade. Ninguem se lembrou das cerejas, que pela manhã foram pasto dos habitantes do curral; ninguem se lembrou de ir com ellas a Bilbao, porque em casa de Martinho occupavam-se todos da morte do parente que estava na America: Baptista para indagar se d'ella podia resultar riqueza, os demais para choral-a.

Quando na manhã seguinte o sol assomava no oriente, o prior subia para Echederra. Não levava a espingarda como de outras vezes, e acompanhava-o seu sobrinho Mattheus. Ao chegarem á herdade, encontraram Martinho e sua familia mais resignados e tranquillos que os haviam deixado na vespera, e mais dispostos a ouvirem fallar do que lhes podia vir da America.

— Ora vamos, Martinho, disse Mattheus, é mister que se resignem. Visto que o defuncto os nomeou seus herdeiros, devem reclamar a herança, ainda que seja unicamente para com ella soccorrer os pobres.

— Tem razão, sr. D. Mattheus, respondeu Martinho.

— Vou então dizer-lhes o que ha a este respeito. Seu irmão possuia um capital de vinte e cinco contos...

— Vinte e cinco contos! — exclamou Baptista, e nunca nos mandou um real!

— Seu irmão era alguma coisa avarento... Mas deixemos em paz os mortos, e declaremos guerra aos vivos. Os vivos a quem devemos declarar guerra são os que abusaram indignamente da confiança do defuncto. Os testamentêiros fizeram circular o boato de que tinham cumprido a vontade do testador, e ninguem duvidou da sua honradez. É preciso que lhes escrevam immediatamente, reclamando a herança; e se se fizerem surdos, encontraremos nos tribunaes meios para que nos oiçam.

— Diz muito bem, sr. D. Mattheus; faremos tudo o que nos aconselhar.

Como em Echederra não houvesse o necessario para escrever, o reverendo prior pediu a Baptista que lhe fosse a casa, a fim de que a sra. Antonia, sua governante, lhe désse papel, tinta e obreias.

Baptista era exemplarmente preguiçoso; mas, como se tratava de riqueza, em que esperava alcançar grande parte, apressou-se em obedecer, e de um salto foi-se a casa do prior.

A sra. Antonia era mulher edosa, como seu amo, e cheia de bondade, como elle; qualidades não muito communs nas governantes.

E por que não são communs n'ellas taes qualidades? Porque seus amos costumam peccar no extremo opposto, isto é, levam a bondade até ao excesso, e ellas chegam a odiar o bem á força de o ver prodigalisado sem limite. É preciso que a governante de um prior esteja muito superior ao vulgo das mulheres para que não chegue a aborrecer os pobres, vendo que para soccorrer estes conserva o amo a despensa vasia.

Baptista encontrou a sra. Antonia mais alegre e prompta para conversar como nunca.

— Então vae-me dar isso, sra. Antonia? — disse-lhe.

— Já vou, já vou, meu filho; porém espera um pouco e não sejas tão arrebatado.

— Se me demorar o sr. prior zanga-se, e o sr. D. Mattheus tambem.

— Não se podem zangar, se elles são tão boas pessoas! Haverá vinte annos que sirvo o reverendo prior, e nem uma só vez o vi zangado. E em quanto ao sr. D. Mattheus, é um rapaz como um anjo. Não viste como elle se fez mocetão?

— Diga-me, sra. Antonia, veiu muito rico?

— Muito, filho, muito! Se visses as coisas que trouxe!... Anda cá, vem ao seu quarto e verás o que é bom.

Baptista e a governante entraram em um quarto, onde estavam ainda amontoados os bahús e as malas do mancebo.

A sra. Antonia abriu alguns bahús, e mostrou a Baptista o conteúdo, que consistia principalmente em objectos de oiro e prata.

Os olhos de Baptista pareciam querer saltar das orbitas ao verem aquella riqueza. A sra. Antonia não cabia em si de orgulho e alegria.

— Esta, disse apontando para uma das malas postas ao canto do quarto, está fechada com sete chaves. Levanta-a do chão, se és capaz, accrescentou com sorriso alegre e malicioso.

Baptista lançou mão á mala, e não pôde inteiramente erguel-a do solo. Quando a deixou cair ouviu-se um som metallico, que fez estremecer o mancebo, e provocou as gargalhadas da governante.

— Leve como um panno de palha, não é assim, Baptista?

— São muito felizes, sra. Antonia! — exclamou Baptista.

— Creio que sim. Mas tambem vossês participarão da nossa felicidade. Quando Deus dá, dá para todos. Mattheus e o sr. prior tem coração generoso, e estimam as pessoas de tua familia, como se pertencessem á d'elles. Se os vissem em algum apuro de certo os não deixariam ficar na encruzilhada.

Baptista não ouvíra o que lhe dissera a sra. Antonia; commoção indefinivel se apoderára d'elle. No seu coração havia uma lucta horrivel.

— Que dizes a respeito da mala?

— Está cheia de cobre.

— Cobre? Estás louco! De prata e muito boa prata é que está cheia.

Baptista estremeceu, olhou para todos os lados, e avançou dois passos para a sra. Antonia.

Não sabemos que idéa sinistra lhe turvára a razão.

— Baptista! Baptista! — gritaram n'aquelle momento na escada.

Baptista bateu com o pé no solo, fazendo um terrivel gesto de agastamento, e a sra. Antonia e elle dirigiram-se ao encontro da pessoa que chamava.

Era Ignacio.

— Bons dias, sra. Antonia, disse, e accrescentou dirigindo-se ao irmão: avia-te, homem, que o sr. prior e D. Mattheus estão esperando ha uma hora. Não sabes que o sr. prior tem ainda que dizer missa?

— Não tem dúvida que esperem, pois ainda não é tarde, disse a sra. Antonia. Em um abrir e fechar d'olhos lhes vou fazer o almoço.

— Não, não, muito obrigado, sra. Antonia, replicaram ao mesmo tempo os dois irmãos.

— Digo-lhes que não devem voltar a Echederra sem comer alguma coisa, e beber um copo de vinho. Desejo que festejemos juntos o regresso do menino Mattheus.

— Outro dia será, sra. Antonia, tornou Ignacio. No domingo, depois da missa, talvez possamos aproveitar d'esse favor.

— Pois bem, meus filhos, não se demorem, mas fiquem certos de que lhes offereci o almoço com a melhor vontade, porque são vossês filhos de bons paes; e de bons paes, bons filhos; mas ao menos deixem-me mostrar a Ignacio o que o sr. D. Mattheus trouxe da America...

— Não podêmos demorar-nos mais, interrompeu Baptista tomando de uma das mesas os objectos de escripta.

E os dois irmãos seguiram a passo largo o caminho de Echederra.

(Continua)

O FOGO

(Vid. pag. 247)

As machinas de vapor dão-nos continuos e frequentes exemplos da transformação do calor em trabalho mecanico.

Que relação haverá, pois, entre o calor e o trabalho mecanico?

Chama-se *caloria*, ou *unidade calor*, a quantidade de calor necessaria para elevar de 1° a temperatura de 1 kilogramma de agua. Chama-se *kilogrammetro* o trabalho necessario para elevar o peso de 1 kilogramma á altura de 1 metro. Resulta das experiencias de Tyndall, Mayer, Joule, etc., que para desenvolver uma caloria é preciso gastar proximamente um trabalho de 424 kilogrammetros; e que, reciprocamente, uma caloria, desapparecendo, produz esta quantidade de trabalho. É este numero, 424 kilogrammetros, que se denomina *equivalente mecanico do calorico*.

Na natureza nada se anniquila; só ha transformações: assim, quando batemos com um taco de madeira sobre uma bola de bilhar, o movimento do taco desapparece, mas a bola toma movimento; houve, pois, uma transformação do movimento do taco no movimento da bola. Quando batemos com uma vaqueta sobre a membrana de um tambor, o movimento da vaqueta transforma-se n'um movimento vibrativo da membrana, e ouve-se um som; o mesmo succede quando percutimos uma campanula de vidro suspensa pela parte superior. Da mesma maneira, quando transformâmos o movimento de um martello no calor desenvolvido n'uma massa de chumbo em que se bate, aquelle movimento transforma-se n'um movimento vibratorio do chumbo. Os phenomenos calorificos e luminosos tem muitas analogias com os sons.

Qual é a causa do som? Uma simples experiencia nol-o diz: tome-se uma campanula de vidro suspensa superiormente, e percuta-se com uma vaqueta; ouviremos immediatamente um som; aproximemos da campanula um botão metallico suspenso por um fio; veremos que, apenas tocar no vidro, o botão salta e começa a oscillar, diminuindo a amplitude das suas vibrações á medida que o som vae enfraquecendo, cessando completamente logo que o som deixa de ouvir-se; portanto, vê-se que é o movimento vibratorio das moleculas do vidro a causa do som que se ouve percutindo a campanula. Quando desviâmos uma corda de rebeca e a largâmos, ouvimos um som e vemos a corda oscillar rapidamente de um e outro lado da sua posição de equilibrio, e á medida que o som vae enfraquecendo, a amplitude d'aquellas vibrações vae diminuindo. Se aproximarmos da campanula de vidro, em quanto vibra, uma membrana tensa, por exemplo a de um tambor, a membrana vibra e produz o som, porque as vibrações do vidro lhe são communicadas pelo ar.

É o ar que geralmente nos transmitte os sons ao ouvido; e, com effeito, no vacuo o som não se propaga. Se dentro de uma campanula de vidro, em que uma campainha toca continuadamente, fizermos o vacuo por meio de uma machina pneumatica, o som deixará de ouvir-se.

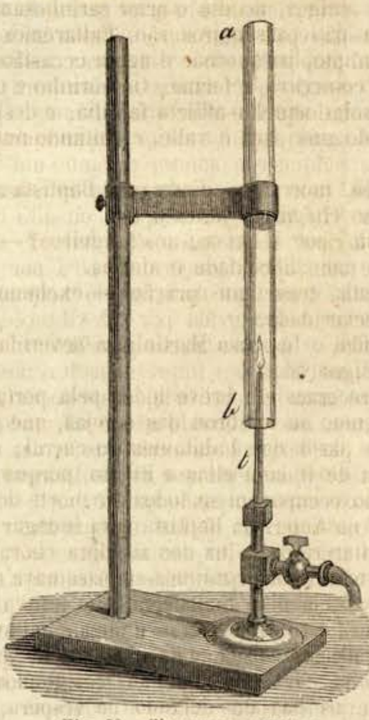


Fig. 20 — Chammas cantantes

Eis uma bella experiencia devida a Schaffgotsch, que mostra o effeito da transmissão do som através do ar. Inflamme-se um jacto de gaz saíndo pelo orificio de um tubo metallico (t), e introduza-se a chamma dentro de um tubo de vidro (a b); baixando o tubo, ouve-se um som, devido á vibração da columna de ar no seu interior; mas elevemos o tubo até que cesse de se ouvir, e, collocando-nos a distancia, pronunciemos um som, e elevemos o tom successivamente; chegará um momento em que a chamma nos responderá, produzindo o mesmo som: é o movimento vibratorio da nossa larynge que é transmittido pelo ar exterior ao que se contém dentro do tubo. Vê-se, pois,

que por meio do fogo de uma pequena chamma produzimos um som, e á nossa vontade, isto é, quando com a nossa voz damos a mesma nota que póde dar o movimento vibratorio do ar contido no tubo.

Supponhâmos, por exemplo, uma corda vibrando; quando se desvia para um lado, comprime o ar que se acha em contacto; depois desvia-se para o lado opposto, deixando atraz de si um espaço no qual o ar se dilata; a corda, voltando de novo, torna a produzir uma condensação, e assim successivamente; estas condensações e dilatações communicam-se ao ar ambiente, e propagam-se como se propagam em circulos sempre crescentes as elevações e depressões produzidas na agua por uma pedra que n'ella se projecta; sendo, porém, n'este caso as ondulações da agua verticaes, e a sua propagação horisontal, e, portanto, transversal; em quanto que no som as vibrações são longitudinaes, isto é, fazem-se no sentido da propagação.

A marcha das ondas sonoras no ar é tal, que o som percorre 337 metros por segundo; é esta a velocidade do som no ar. A distancia do centro de uma condensação ao centro da condensação seguinte chama-se *comprimento da onda*. O choque das ondas sonoras sobre a membrana do tympano do nosso ouvido faz entrar em vibração o orgão auricular, e essa impressão, transmittida ao cerebro pelo nervo auditivo, dá-nos a sensação do som. Este choque das ondas do ar é tão mecanico como o é, por exemplo, o das ondas do mar contra os rochedos. Nos movimentos ondulatorios ha communicação das ondulações, mas não ha transporte; é como nas ondulações produzidas pelo vento sobre uma seara de trigo.

A intensidade de um som é tanto maior quanto maior é a amplitude das vibrações; assim, quanto maior é o desvio que damos a uma corda de uma rebeca, mais forte é o som que ouvimos. Um som é tanto mais agudo quanto maior é o numero de vibrações feitas pelo corpo sonoro durante um segundo; assim, o *lá*, nota da segunda corda da rebeca, é produzido por 870 vibrações simples, ou 435 completas (ida e volta) por segundo; o *dó* agudo do soprano é produzido por 2088 vibrações simples por segundo. A nota mais grave que um ouvido bem organisado póde apreciar é produzida por 32 vibrações simples por segundo, e a mais aguda por 72000; fóra d'estes limites, as vibrações impressionam o nosso corpo, quando tem grande amplitude, sente-se um certo estremecimento, mas o ouvido não é affectado. As cordas vocaes da larynge das crianças e das mulheres vibram mais rapidamente que as dos homens, por isso n'aquellas os sons são mais agudos.

Assim como o som é um movimento vibratorio, tambem o calorico e luz são movimentos vibratorios das moleculas dos corpos; mas n'estes movimentos as vibrações são muito mais rapidas; além d'isso são transversaes, isto é, fazem-se n'uma direcção perpendicular á da propagação. As vibrações calorificas ou luminosas são transmittidas ao *ether*, fluido muito elastico e rarefeito que está em contacto com todos os corpos, penetra em todos os poros, e está espalhado em todo o universo, de modo que é o meio de communicação dos corpos espalhados pelo espaço infinito.

É notavel que na mais remota antiguidade os philosophos admittiam a existencia de uma substancia muito subtil que julgavam existir acima da atmosphera; suppunham ser esta uma substancia ignea muito pura, considerada como o principio do calor, da luz e da vida: assim diz Ovidio:

Hæc super imposuit liquidum et gravitate carentem
Æthera nec quicquam terrenæ fæcis habentem.

São as vibrações ou ondulações do ether que, impressionando os nervos especiaes do nosso corpo, nos dão a sensação do calor, e que, pelo seu choque sobre a retina dos olhos, impressionam o nervo optico e nos dão a sensação da vista; é preciso, porém, que o numero de vibrações não seja inferior a 496 milhões de milhões por segundo para que o choque das ondas ethéreas impressionem a retina; quando é inferior o numero de vibrações do ether, não se vê, porque a retina não é impressionada, mas sim os nervos do nosso corpo, e sentimos calor.

Certos animaes, como as aves nocturnas, o gato, etc., tem os olhos mais sensiveis, e vêem com ondas de comprimento maior do que as ondas que impressionam a retina do olho humano.

Vimos que a luz branca se compõe de sete côres simples; estas côres correspondem a diverso numero de vibrações ou a ondas de diversos comprimentos; assim, o encarnado é produzido por 496 milhões de milhões por segundo; corresponde ás ondas mais compridas ou a menor numero de vibrações; o roxo é a côr que corresponde a maior numero de vibrações, perto de 900 milhões de milhões por segundo; o comprimento das ondas encarnadas é $\frac{75}{100000}$ de millimetro; o das ondas roxas é $\frac{34}{100000}$ de millimetro; para as ondas calorificas o comprimento póde attingir $\frac{5}{1000}$ de millimetros; a largura de um cabello ordinario ($\frac{1}{10}$ de millimetro) contém, portanto, mais de 300 ondas luminosas! maravilhas da natureza! sempre prodigiosa no infinitamente grande e no infinitamente pequeno! Como diz Plinio: *Natura nusquam magis quam in minimis tota est.*

Nas ondas sonoras, para o som mais grave (32 vibrações por segundo) o comprimento é 10 metros proximamente, e para o mais agudo é apenas de alguns millimetros.

O espectro solar fórma uma escala de sete côres, como a escala musical tem sete notas.

Vimos que no espectro solar, além do encarnado, havia raios calorificos de maior temperatura, e, portanto, menor numero de vibrações; no calorico obscuro este numero póde descer a 65 milhões de milhões por segundo. Além do roxo, vimos que havia raios insensiveis á vista, mas dotados de grande poder chimico, que correspondem a mais de 1000 milhões de milhões de vibrações por segundo; para estas ondas o comprimento não chega a $\frac{30}{100000}$ de millimetro.

O espectro solar compõe-se, portanto, de tres partes: no centro o espectro luminoso ou visivel; a um lado o espectro calorifico ou de menor rapidez de vibrações; do outro espectro chimico ou de maior rapidez de vibrações.

Quando, por exemplo, aquecemos uma bola de cobre, augmentâmos a energia do seu movimento vibratorio e o numero de vibrações, até que chega a um ponto em que este movimento é sufficientemente rapido, para que taes vibrações, transmittidas pelo ether, venham impressionar a retina; então aparece a luz, sendo a côr encarnada a que primeiro se manifesta; e com effeito, a bola de cobre torna-se incandescente, rubra e obscura; para isto é preciso uma temperatura de 600°. Continuando a aquecer, eleva-se a temperatura, augmenta-se a energia do movimento vibratorio, e vão apparecendo outras côres, que se vão misturando, até que por fim apparece o branco; produz-se esta côr no rubro do metal á temperatura de 1500°.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Com razão se póde ter em muito, e chamar ditosa, a lingua portugueza, pois por ella se annunciou e manifestou a tantas gentes, e de tão remotas e estranhas provincias, a fé de Jesu Christo, e foi causa de se tirarem as erroneas trevas em que o mundo vivia.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa Vista — palacio do conde de Sampaio